



“Ô menina, olha a bela da

“A partir de agora o S. Martinho passará a ser assinalado nas Caldas!”. Palavras de Mário Lino, o centenário de pessoas em volta das castanhas e da águas pé como é próprio desta quadra. O director deste tema, que atraiu também gente da Redinha, Figueiró dos Vinhos e sobretudo de Sernancelhe. Motivos que foram mote da conferência que teve lugar no Museu do Ciclismo e que abriu o evento de ciclismo etnográfico e com meia centena de assadores de castanhas, trajados a rigor que ofere-

Um dia de São Martinho muito animado na Praça da Fruta

Texto e fotos: Maria Beatriz Raposo
mbraposo@gazetacaldas.com

O objectivo era celebrar o São Martinho e, no que respeita à meteorologia, as condições não podiam ter sido melhores. O Verão de São Martinho chegou no dia 11 de Novembro e fez-se prolongar por mais três dias, num sábado que esteve com céu limpo sem uma pinga de chuva ou sopro de vento.

Ao final do dia, por essas 17h30, começavam a aquecer-se os fogareiros de barro e a descascar-se as primeiras castanhas (ao todo, prepararam-se 150 quilogramas deste fruto). O truque por detrás de uma boa castanha assada é cortar-lhe apenas a casca e a pele, deixando o miolo intacto. Além disso, o pequeno corte deve ser feito somente na “barriga” da castanha.

Quem está a meio do processo é Diogo Morais, elemento do Rancho Folclórico-Etnográfico As Ceifeiras da Fanadia. “Esta é a parte que custa mais, mas no fim vai valer a pena pois vamos assar as castanhas à moda antiga, nos assadores tradicionais. Pode levar mais tempo, mas tem um gosto especial”, comentou o jovem de 19 anos, que destaca o convívio entre os vários ranchos, proporcionado pelo evento. Sendo um dos membros mais novos do seu rancho, Diogo Morais sublinha a importância dos jovens, “que têm a responsabilidade de não deixar morrer a tradição do folclore em Portugal”.



Trajados a rigor, os elementos dos ranchos folclóricos recriaram a forma como se assavam as castanhas antigamente

O fumo dos fogareiros já invadiu o ar e, em pouco tempo, começam a sair as primeiras castanhas assadas, quentinhas como o povo gosta. São oferecidas à multidão pelos 50 vendedores e vendedeiras, trajados a ceifeiros e camponeses dominigueiros. Além da castanha, há também chouriço assado, queijo, vinho e água-pé (bebidos nos típicos copos de alumínio).

“A castanha era o alimento principal do país até ao século XV ou XVI, só o deixa de ser quando surge a batata, na altura dos Descobrimentos”, conta Mário Lino,

organizador deste evento e director do Museu do Ciclismo. “Nas grandes cidades, como Porto ou Lisboa, era assim que as pessoas vendiam castanhas, atrás de uma esquina, para ganharem alguns tostões e comprarem pão”.

Se o propósito era recriar o “Aticar as brasas”, então o objectivo estava cumprido, com a Praça da Fruta cheia de gente, já com o sol posto. A animar a multidão está um acordeão, uma viola e uma guitarra, de um grupo musical de Pombal.

Pelas 21h45 é a vez do Rancho Folclórico do Lourical “subir ao pal-



Além das castanhas, assou-se também chouriço

co” para dançar à moda dos camponeses dos anos 50. Segue-se o desfile de cerca de 20 bicicletas, que dão três voltas à praça, fazendo tocar a buzina. É que, explica Mário Lino, esta iniciativa tem igualmente a finalidade de “inserir a bicicleta na etnografia”.

Além dos ranchos folclóricos (da Redinha, do Lourical e da Fanadia) e dos núcleos de ciclismo etnográfico destes conjuntos, também estiveram presentes o grupo de cicloturismo Amigos da Natureza e do Campo (Caldas da Rainha), a Confraria da Castanha e um grupo de recreação histórica de Figueiró dos Vinhos.

O REGRESSO DO MERCADO CRIA

Depois de seis edições ao longo do Verão, o mercado CRIA volta à Praça da Fruta, juntando-se ao Museu do Ciclismo. Desta vez, com inspiração no Outono, as 34 bancas venderam frutos secos, broas, licores, bolos à fatia, biscoitos, mel, chocolate quente, café da avó e os tradicionais caldenses Beijinhos e Cavacas.

“Decidimos incluir o artesanato porque estamos próximos da época natalícia”, explica Vânia Ferreira, responsável pelo gabinete de eventos da Câmara. Por

isso, as cabaças, a bijuteria, os cidos e a cortiça também entraram na festa.

Fazendo uma ronda pelas bancas encontramos Bordalo Pinheiro - tampado numa garrafa de vidro. É assim mesmo que se chama Bordalo - a marca de cerveja artesanal de Pedro Azevedo criada em Março deste ano. O sabor é muito intenso, mas, justifica o empresário, “tal como preferimos o pão da avó feito em forno de lenha ao pão da padaria, esta cerveja também é melhor”. Pela terceira vez no mercado, Pedro Azevedo destaca a presença “das mar-



Os bolos à fatia foram um dos grandes sucessos do Mercado CRIA



Ao cair da noite, actuou o Rancho Folclórico do Lourical



No final do evento, desfilaram cerca de 20 bicicletas

castanha... assada e bem quentinha!"

organizador da iniciativa que teve lugar a 14 de Novembro e que contou com a adesão de...
ector do Museu do Ciclismo organizou uma conferência e uma recriação histórica em volta
elhe, terra da castanha e também de Aquilino Ribeiro, que foi amigo do caldense Raul Proença.
nto que teve o seu ponto alto na Praça da Fruta, com a realização do Mercado Cria, desfiles de
ceram aquele fruto, acompanhado por água-pé.

Aquilino Ribeiro e Raul Proença

Texto e foto: Natacha Narciso
nnarciso@gazetacaldas.com

"Agora vamos ter que convidar o Raul Proença a viajar connosco até Sernancelhe, ao encontro do seu amigo Aquilino Ribeiro", disse Mário Lino, no final da conferência que teve lugar ao início da tarde no Museu do Ciclismo. Nessa tarde foram inauguradas as exposições de fotografia que se referem ao património local das Caldas e de Figueiró dos Vinhos e uma mostra com imagens que Mário Lino captou em Sernancelhe, a terra da castanha. Segundo Carlos Silva, presidente da Câmara de Sernancelhe, a ideia de realizar esta ligação com as Caldas da Rainha **"é fantástica pois une terras do interior e do litoral do país"**. Na sua opinião, estas uniões são importantes **"de modo a promover o nosso território e os nossos produtos"**. O edil de Sernancelhe espera que o relacionamento agora iniciado possa contar com mais eventos. O autarca também é membro da Confraria da Castanha onde se faz a defesa deste fruto, muito produzido em Sernancelhe. Uma confraria que pretende **"es-**

pevitar o negócio, promovendo outras formas de comer castanha para além das cozidas e assadas".

Também satisfeito com a realização deste intercâmbio, estava o presidente da Câmara das Caldas, Tinta Ferreira pois considera que **"é interessante apostar nesta ligação com outros povos, através da etnografia e da cultura popular"**. Segundo o autarca, agora segue-se uma ida a Sernancelhe, terra de um político **"muito revolucionário"**, disse referindo-se a Aquilino Ribeiro (1885-1963).

O percurso daquele escritor foi dado a conhecer por Paulo Neto que referiu a amizade de Aquilino com Raul Proença (1884-1941). Ambos fizeram parte do grupo da Biblioteca Nacional (1919-1926) e também do colectivo dos fundadores da revista Seara Nova (1921).

Ambos tiveram também um papel relevante no activismo político na I República. Aquilino Ribeiro partiu para Lisboa aos 20 anos e depressa tomou posição marcante no movimento republicano, anarquista, Maçon e da Carbonária.



Uma sala cheia para assistir à primeira iniciativa que liga a terra das castanhas às Caldas

Segundo Paulo Neto, o escritor revolucionário esteve várias vezes exilado, **"mas nunca deixou de estar ligado aos movimentos oposicionistas"**. Raul Proença viria a falecer na década de 40 enquanto que Aquilino Ribeiro ainda chegou a apoiar as

candidaturas de Norton de Matos (1948-1949) e a de Humberto Delgado (1958). Morreu em Maio de 1963. Por fim, Alberto Correia dedicou a sua intervenção a dar a conhecer porque é que Sernancelhe é considerada a terra da castanha e dos

castanheiros.

A sessão ainda contou com a acção do grupo musical da Casa da Pessôa do CHO. Depois da conferência muitos elementos dos ranchos prepararam-se para seguir em romaria até à Praça da Fruta. ||

Museus assinalaram S. Martinho com arte e castanhas

No Museu José Malhoa a celebração do S. Martinho, a 11 de Novembro, contou com a contemplação da obra "Festejando o S. Martinho ou Os Bébados" de José Malhoa. A obra pertence ao Museu Nacional de Arte Contemporânea, mas está em depósito de longa duração no museu caldense. Nesta obra encontram-se representados um grupo de homens, já embriagados, que celebram o S. Martinho.

A iniciativa contou com a apresentação do trabalho de Teresa Coelho, "À mesa...", pela autora e pela professora Paula Nobre, no âmbito da exposição Malhoa Recriado, projecto do Grupo do Atelier Beco d'Obra. A autora fez um trabalho criativo sobre o quadro do S. Martinho, dando tridimensão a alguns dos seus elementos.

A iniciativa contou ainda com momentos de poesia, por Alexandre

de Sousa, que deu a conhecer como se sente em relação à obra "Festejando o S. Martinho ou Os Bébados", de José Malhoa.

A celebração do Dia de S. Martinho continuou depois no Museu da Cerâmica com o já tradicional magusto, organizado pela Grupo de Amigos do Museu da Cerâmica e pela Liga dos Amigos do Museu de José Malhoa. A animação musical esteve a cargo do pianista Fernando António. ||



Teresa Coelho apresentou o seu trabalho criativo, inspirado no quadro "Os Bébados" de José Malhoa

Landal festejou o S. Martinho

No passado dia 11 de Novembro comemorou-se o S. Martinho no Centro Comunitário de Desenvolvimento do Landal, com um almoço, visita ao museu rural e à loja social, tendo também decorrido a I Festa da Castanha do Landal.

A comemoração juntou crianças, professores e auxiliares de educação da EBI e do infantiário de Casais da Serra com os utentes do Serviço de Apoio Domiciliário do CDCL, num encontro inter-geracional.

As próximas actividades são a Feira de Natal (6 de Dezembro) e o almoço de Natal (20 de Dezembro). ||



Os mais velhos e os mais novos da freguesia numa só festa



da terra com produtos da terra"

que aqui se fazem representar.

Nesta edição, os vendedores doaram bens alimentares (em vez de ração animal), que serão distribuídos a pessoas inscritas no Banco Alimentar do Oeste.

Além dos sacos com o logotipo da marca CRIA (já presentes nos mercados anteriores), a organização elaborou embalagens próprias para os frutos secos e um pacote mais pequeno para as castanhas, com o carimbo do CRIA e a imagem da castanha assada. Até ao final do ano, realizar-se-á mais um mercado. ||

